

11. - 14. September 2013
Institut für Romanistik, Hamburg

11 a 14 de setembro de 2013
Instituto de Românicas, Hamburgo

10. Deutscher Lusitanistentag X Congresso Alemão de Lusitanistas

M i g r a t i o n u n d E x i l
M i g r a ç ã o e e x í l i o

Sektion 8 || Secção 8:

**Europa im Spiegel von Migration und Exil. Projektionen – Imaginationen – Hybride Identitäten ||
Europa no contexto de migração e exílio. Projeções - Imaginações - Identidades híbridas**

(Lydia Schmuck, Hamburg/Marina Corrêa, Wien)

Abstracts/Resumos

Sílvia Maria Azevedo (Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis)

“O Brasil não é longe daqui”: África e Europa no contexto da migração e do exílio

A partir dos anos de 1870, quando o Brasil atravessava um momento de grande desenvolvimento científico e tecnológico, com repercussões no domínio da imprensa, três revistas ilustradas passaram a circular no Rio de Janeiro: a *Ilustração Brasileira* (1876-1878), a *Ilustração do Brasil* (1876-1880) e a *Ilustração Popular* (1876-1877). O objetivo dessas publicações era criar uma imagem de Brasil que correspondesse às concepções de “civilização e progresso”, nos moldes do pensamento europeu da segunda metade do século XIX. Tal projeto implicava, por um lado, no seqüestro da representação do negro, figura que associava o país à escravidão e ao atraso, e por outro, na atração do imigrante europeu na consolidação da nova imagem de Brasil.

Luzia Costa Becker (Universidade do Rio de Janeiro, UPERJ)

Globalização e Migração: construindo alteridades

O processo de globalização coloca na ordem do dia a questão do respeito às diferenças. A construção da alteridade torna-se um desafio diante da dificuldade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e diálogo com o outro. A relação de alteridade se refere à aceitação do outro (que pode ser indivíduo ou coletividade) como um igual e nessa relação, a diferença dá início a um processo de aprendizado mútuo. Aqui, o contato com o outro, através de uma dialética entre igualdade e diferença, se torna foco de aprendizado porque dispõe ambos na peculiar condição de revelação de si mesmo e de conhecimento do outro. Consequentemente, esta alteridade tende a se expressar também no contexto das relações políticas mais democráticas. Diferente disso, pode ocorrer que a relação que se estabelece com o outro seja não de aceitação, mas de negação do outro. Nesse caso, não me coloco no lugar do outro, mas busco convertê-lo naquilo que sou. Essa relação se refere à visão do outro como um desigual na qual a diferença dá início a um processo de inversão do outro. A valorização etnocêntrica de alguns em relação a outros impõe, além da relação de conversão no contexto social, a relação de subordinação no contexto político. Sob tal compreensão, a questão do choque cultural em processos migratórios será analisada enquanto um processo e um desafio que superado, se a diversidade se coloca como um horizonte de expectativas - apresenta-se como uma oportunidade ímpar do indivíduo e/ou coletividade ampliar o conhecimento de si mesmo na relação com o outro, o diferente.

Cláudia Fernandes (Universidade de Viena)

A máscara europeia do emigrante português: política e memória

Palavras-chave: emigração, portugueses, União Europeia, política, memória

A partir de meados do século XX, verifica-se na emigração portuguesa uma grande viragem no que se refere ao seu destino. Depois de largas dezenas de anos a atravessar o Atlântico, a conjuntura económico-histórico-política portuguesa e europeia fez com que muitos portugueses se virassem para a Europa e que apontassem como seu principal destino países do centro europeu (França, Alemanha, ...). (Baganha et al. 2005).

A emigração intra-europeia mantém-se até aos dias de hoje, sendo que o leque de destinos se apresenta muito mais variado (Pires 2010). Mais de meio século depois dos primeiros fluxos significativos, a sua actualidade é inquestionável. O enquadramento histórico e uma série de medidas políticas facilitaram a movimentação de pessoas e a incursão de portugueses em vários países europeus. A mais evidente destas medidas terá sido a adesão de Portugal à União Europeia em 1986. No entanto, com esta participação numa Europa comum poderá falar-se de emigração? Os portugueses a residirem na Europa são emigrantes ou são europeus? Uma coisa anula a outra? É possível a conjugação de ambos os aspectos? Qual é o papel da memória colectiva neste jogo de países? Passados todos estes anos do que é que se esqueceu, do que é que se lembra e do que é que não se quer lembrar?

Esta apresentação procura respostas para as questões acima enumeradas, articulando políticas de emigração e a memória colectiva (ou a falta dela) sobre a emigração portuguesa relativamente aos cidadãos portugueses que vivem e trabalham e actuam em palcos europeus.

Alexandre Sebastião Ferrari Soares (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE)

Imigrantes ou estrangeiros: brasileiros em Portugal, imaginário, sujeito e sentido

Palavras-chave: Discurso jornalístico, Formação Imaginária, Sujeito

Neste trabalho, além da compreensão de questões em torno do funcionamento do discurso jornalístico a partir da teoria francesa de análise de discurso, e da mobilização de conceitos fundamentais, concernentes a este viés teórico, tais como: Condições de Produção, Formações Imaginárias, Formações Discursivas e Ideológicas, analiso, durante os anos de 2011 e 2012 (ápice do período da crise da dívida pública da Zona do Euro em Portugal), na imprensa portuguesa escrita e impressa, como os brasileiros são discursivizados e quais sentidos se instalam e se naturalizam em relação a eles, em terras portuguesas. Considero a imprensa de grande circulação - o *Correio da Manhã*, o *Diário de Notícias*, o *Expresso*, o *Jornal de Notícias* e o *Público* - e a imprensa não dominante em sua circulação, pois, dessa forma, o objeto de análise passa a ser também o que "fura" o que "falha" no ritual de produção de sentidos. Os recortes para este trabalho foram organizados a partir de textos, charges, fotografias e cartas de leitores publicados nos jornais de Portugal. O discurso midiático deste país tem papel fundamental na construção de sentido sobre o brasileiro e, por deslizamento de sentido,

sobre o Brasil, pois, a partir dos mitos construídos em torno da imprensa, difunde uma pretensa ilusão de verdade e objetividade sobre o que é significado. Além disso, compreender a forma como circulam sentidos, em Portugal, sobre os brasileiros e sobre o Brasil é compreender de que maneira aquele país redesenha este no cenário internacional. Reconhecemos, dessa forma, a força que a mídia tem na construção (circulação) do imaginário, responsável pelo sentimento de identidade que nos dá a medida da nossa singularidade, em oposição a que constitui o outro. *Alegria, sensualidade, sexualidade* são adjetivações que acompanham de forma constitutiva o imaginário português em relação ao brasileiro, segundo o *corpus* desta pesquisa. No entanto, os sentidos de *violência* ocupam um lugar de destaque nessa naturalização de sentidos sobre o Brasil e sua gente.

Maria de Lurdes das Neves Godinho (ESTG- Instituto Politécnico de Leiria/FLUP- Universidade Porto)

Da identidade do exilado durante o Nazismo na Europa: o “transcender de pátrias” e o “nomadismo”. Espaço e memória híbridos nas foto-reportagens de Annemarie Schwarzenbach

Partindo das teorias de “Heimatlosigkeit” e de nomadismo de Vilém Flusser (1994 e 1992, respectivamente), pretendo analisar a experiência individual de “auto-exílio” da escritora suíça Annemarie Schwarzenbach (1908-1942). De facto, o “transcender de pátrias”, enunciado na reflexão teórica de Vilém Flusser, num contínuo “pairar” (“Schweben”) sobre os espaços a que se desloca e que de facto habita, manifesta-se com a mesma acuidade na vida e obra da autora suíça.

Assim, no seu incessante deambular, ao longo da sua breve vida, Schwarzenbach foge da pátria conservadora, na qual se sentia estrangeira, para fora da Europa nazi, qual “auto-exilada”, buscando refúgio no exotismo oriental. Esta crise de identidade, entendida por Perret como “consequência da crise da cultura ocidental”, leva-a, de 1933 a 1937, a calcorrear o Médio Oriente e, especialmente, a Pérsia. Em 1936, a sua feição social e empenhamento político levam-na aos Estados Unidos, a fim de realizar foto-reportagens nos miseráveis Estados do Sul. Visita ainda a União Soviética, o Afeganistão, os Países Bálticos, os Estados Unidos e a África Central, para sempre retornar à Europa, numa ânsia constante de se (re)definir,

As suas reportagens jornalísticas e o importante papel que confere à imagem fotográfica, tão amplamente teorizada por Walter Benjamin e Vilém Flusser, revelam a identidade híbrida da autora, que entende a Europa como uma “comunidade de memória” (Assmann, 2007) assente no humanismo, e se assume como europeia empenhada na manutenção de uma Europa assente em valores humanistas que vê soçobrar face à insanidade nazi.

Orlando Grossegeesse (Universidade do Minho, Braga)

Uma estética da pós-memória. *Sob céus estranhos: uma história de exílio* (2007) de Daniel Blaufuks

Daniel Blaufuks viveu a sua infância imerso num universo de vestígios da experiência dos refugiados - um mundo de alusões, fotografias, alguns objetos, comidas, costumes e memórias que não eram as suas. Utilizando algumas dessas reminiscências, bem como filmes da época, excertos de memórias e textos de refugiados, relatos de família e materiais de arquivos, Blaufuks oferece-nos um discurso fotográfico no contexto de outros *media* (livro, CD), com uma dimensão intertextual densa, por exemplo com o romance homónimo de Ilse Losa (1962) citado no título.

Analisaremos este produto plural no âmbito duma estética autorreflexiva da pós-memória que se insere no contexto duma reflexão mais ampla sobre representação e arte (as questões da estetização do quotidiano e do sublime) suscitada principalmente pela discussão da (pós-) memória do Holocausto. Neste contexto, não pode faltar uma reflexão crítica sobre a posição da memória do Holocausto em Portugal.

Jan Kölzer (Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn)

Großbritannien als Exilland für portugiesische Salazar-Gegner

Seit Beginn des 20. Jahrhunderts und insbesondere während des Zweiten Weltkrieges praktizierte Großbritannien eine liberale Einwanderungspolitik und war daher ein attraktives Exilland für Dissidenten und politisch Verfolgte aus ganz Europa. In den 1960er Jahren war Großbritannien zwar nicht das Hauptexilland für portugiesische Salazar-Gegner; dennoch wanderten zwischen 1960 und 1974 ungefähr 15.000 bis 20.000 Portugiesen nach Großbritannien aus und ließen sich hier vor allem in London nieder. Diese portugiesischen Immigranten kamen hauptsächlich aus höheren gesellschaftlichen Schichten und waren in Portugal zwar nicht unbedingt verfolgt worden, fühlten sich aber in der politischen und kulturellen Umgebung des Salazar-Regimes eingeeengt. Viele von ihnen verfügten über eine universitäre Ausbildung und hatten in Portugal aufgrund ihrer regimekritischen Haltung berufliche Schwierigkeiten bekommen. Außerdem befanden sich unter diesen Immigranten zahlreiche Studenten, die den Militärdienst in Portugal verweigert hatten. Großbritannien wählten sie als Exilland, weil ihnen hier attraktivere Berufsaussichten und Studienmöglichkeiten offenstanden und sie in London eine weitaus kosmopolitischere Lebensweise antrafen.

Die anglo-portugiesische Allianz reicht bis ins 14. Jahrhundert zurück. Auch das Salazar-Regime unterhielt auf unterschiedlichen Ebenen gute Beziehungen zu Großbritannien. So war Portugal beispielsweise Gründungsmitglied der Europäischen Freihandelszone (EFTA), die als Alternative zur EWG im Jahre 1960 auf Initiative Großbritanniens etabliert worden war. Außerdem wurden die britischen-portugiesischen Beziehungen von einer kleinen aber aktiven *pro-Estado-Novo* Lobby in London gepflegt, die über gute Verbindungen zu Vertretern in britischer Politik und Wirtschaft verfügte und auf die Sympathie der konservativen britischen Presse sowie auf die Fürsprache konservativer Parlamentsabgeordneter zählen konnte. Darüber hinaus kooperierte eine Sonderabteilung von Scotland Yard mit der PIDE.

In diesem Umfeld waren der organisatorische Spielraum und die Möglichkeiten für etwaige Aktionen gegen den *Estado Novo* für die portugiesischen Exilanten in Großbritannien begrenzt. Trotz dieser Schwierigkeiten stellte der Protest gegen den Besuch Marcello Caetano in London im Juli 1973, anlässlich des 600jährigen Bestehens der anglo-portugiesischen Allianz, den Höhepunkt der Aktivitäten und der Mobilisation der portugiesischen Regime-Gegner dar.

Vera Lins (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ)

Exil: Gedanke und Erlebnis als Barrierebruch in der brasilianischen Literatur des 20. Jhs.

Nach Edward Said überquert der Exilant nicht nur Grenzen, sondern er überschreitet auch Schranken der Erfahrungen und des Denkens. Das Exil, in welchem das Schreiben zu einer bewohnbaren Heimat wird, könnte auch zu einem Streifzug werden, der die vorgefertigten Repräsentationen, mit denen wir bombardiert werden, auflöst. Die brasilianische Literatur weist eine Tradition an Exilgedichten auf, die in Ferreira Gullars großem Werk *Poema Sujo* („Schmutziges Gedicht“, 1975 in Buenos Aires in Buchform entstanden) gipfelt. Zu diesem Kanon gehören auch einige Texte von den Autoren, die ihr Exil während der Militärdiktatur (1964-1984) in Paris verbracht haben. Brasilien ist bekanntlich aber selbst Ort des Exils, an dem sich die brasilianische Kultur mit dem Gedankengut ihrer Migranten vermengt: Der österreichische Exilautor Otto M. Carpeaux, der in Brasilien zum Literaturkritiker und -historiker wird, schreibt u.v.a. über Gullars Exilerfahrung; auch das Werk des litauischen Künstlers Lasar Segall mit dem Titel *Navio de Emigrantes* („Migrantenschiff“, 1939-42 in São Paulo entstanden) ist ein Beispiel für die Repräsentation der vielen Schicksale von Verfolgten; Schriftsteller wie Clarice Lispector und Samuel Rawet setzen Erfahrungen des ‚Dazwischenseins‘ literarisch um; und der Philosoph Vilém Flusser wird erst in Brasilien zum Medienwissenschaftler, nachdem er als Exilant begonnen hat, diese ihn aufnehmende Gesellschaft und deren Kommunikationsmöglichkeiten zu beobachten. Dieser Beitrag beleuchtet das Exil als Thema und Erfahrung in der Schaffung abweichender, befreiender und auch erneuernder Wahrnehmungen und Perspektiven.

Clemens van Loyen (Ludwig-Maximilians-Universität, München)

Vilém Flussers Exil im Zwischenraum von Geschichte und Ungeschichte

Vor dem Hintergrund des Exils und des Verlusts der geistigen und geographischen Bezüge in Mitteleuropa ist Flussers *Geschichte des Teufels* zu lesen. Darin steht der Teufel sinnbildlich für die fortwährende Zerstörung in Europa, die sich aus dem Verlauf der Geschichte notwendig ergeben muss. In *Die Geschichte des Teufels* schreibt er: „die ganze Entwicklung des Lebens [ist] nichts als eine Inkarnation der Entwicklung des Teufels“ (ebd., S. 11). Zweifelsohne ein negativer Blick auf Geschichte und Fortschritt, aber wenn Flusser die lineare Zeit mit dem Teufel identifiziert, an der wir auf Erden alle partizipieren, und im Gegenzug Gott als denjenigen bezeichnet, in dem sich die Zeit auflöse, bleibt dieses Denken schlüssig: in Gott ist die Zeit aufgehoben, auf Erden jedoch sind wir zeitlebens den Versuchungen und Verirrungen des Teufels ausgesetzt. Dass es nun gerade der Teufel ist, der uns in der Zeit und damit am Leben hält, ist freilich provokativ. Gewissermaßen als Negation des Geschichtlichen lanciert Flusser daher

einen Gegenentwurf, der ihm in Brasilien zu verwirklichen ist. Später erweist sich indes dieser Entwurf als fragil, insofern auch Brasilien ganz von seinem positivistischen Leitspruch *Ordem e Progresso* durchdrungen ist. Dennoch: der „Emigrant aus Europa und Immigrant nach Brasilien“ (*Von der Freiheit des Migranten*, S. 34) führt seinen Diskurs über Europa entlang der Antonyme Geschichtlichkeit/Ungeschichtlichkeit. An sich kein Novum, auch Ernesto Grassis *Reisen ohne anzukommen* (1955) besitzt eine ähnliche Konfiguration. Flusser greift zudem das Anliegen der Kritischen Theorie auf, insbesondere der Essays der *Dialektik der Aufklärung*, indem er den westlichen Fortschrittswahn anprangert und als Gegenbild ein Brasilien mit „Neuen Menschen“ und fortschritthemmender Dephasierung entwirft. Mindestens drei Fragen ergeben sich daher im Zusammenhang mit Flussers Blick auf Europa:

- 1) Was verbindet Flusser mit dem damaligen Europa, wie versucht er sich davon abzugrenzen und eine hybride Identität im Zwischenraum als ‚Nomade‘ (zwischen Sprachen und Kulturen) aufzubauen? Löst er sich intellektuell von seinem europäischen Erbe?
- 2) Wie reflektiert Flusser auf Europa als nunmehr brasilianischer Intellektueller? Als Ausgangspunkt dient hierbei seine vom brasilianischen Außenministerium finanzierte Reise nach Europa 1967.
- 3) Wie verarbeitet Flusser den Verlust seines mitteleuropäischen Denkraums in seinen Briefen, in der Korrespondenz mit Studenten, Freunden, insbesondere mit Alex Bloch? Konkret ist auch nach seinem Verhältnis zu Europa nach der Erfahrung des Holocausts zu fragen.

In Bezug auf die erste Frage lässt sich mit Edward Said die Behauptung vertreten, dass der „Exilierte [...] in einem Übergangszustand [lebt], weder wirklich angekommen in der neuen Welt noch völlig abgelöst von der alten, halb beteiligt und halb distanziert, nostalgisch und sentimental auf der einen Seite, ein sich anpassender Neuankömmling oder heimlicher Ausgestoßener auf der anderen.“ (*Götter, die keine sind*, S. 55) Antworten hierauf lassen sich vor allem in dem Essayband Flussers *Von der Freiheit des Migranten* finden.

Heloisa Paulo (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, CEIS20; Universidade de Coimbra)

A Europa dos exilados (1944-1947)

O regime ditatorial português (1926-1974) é marcado por um longo período de exílio para os combatentes da ditadura. No Brasil, ao lado de uma colónia portuguesa antiga e tradicionalista, exilados e emigrantes políticos procuram um lugar seguro para sobreviver e dar continuidade ao seu combate pelo retorno da democracia em solo português. Para sobreviverem, muitos destes exilados/emigrados políticos escrevem para os jornais locais, trabalhando como cronistas regulares na imprensa brasileira. As temáticas abordadas por estes novos “jornalistas” são diversas, mas não deixam de fora a sua própria luta política, sobretudo quando o final próximo da Segunda Guerra acena com a possibilidade do fim dos regimes ditatoriais ibéricos. O problema da reconfiguração da Europa do após guerra passa a ser o tema principal das crónicas assinadas pelos exilados portugueses entre 1944 e 1947. O projeto de uma Europa única e democrata é vista como uma "arma" contra o regime de Salazar. A imagem da "nova

Europa" veiculada por homens como o militar Jaime de Morais, os intelectuais Novais Teixeira, Jaime Cortesão ou Lúcio Pinheiro dos Santos revela a ideia da necessidade do "pensar democrático" do "novo homem" europeu. Para eles, a construção de uma Europa democrática não poderia englobar os regimes fascistas ibéricos, avessos ao ideal democrata triunfante. A União Europeia deveria significar o fim das ditaduras em território europeu e a implantação de instrumentos de controlo para a gestão democrática de uma organização "federativa", na qual Portugal participaria após o fim do regime ditatorial de Lisboa. Estas imagens idealizadas tendem a espelhar mais do que a esperança dos opositores exilados, mas as tendências políticas presentes no exílio. Ao abordar as diversas formas de apresentação desta "União Europeia" pelos exilados portugueses no Brasil, esta comunicação busca delinear as influências políticas presentes nos diversos tipos de abordagem, assim como detetar a "imagem ideal" da União Europeia presente no discurso antissalazarista veiculado no exílio.

Agnese Soffritti (Universidade de Bologna)

Viajando no Sud-Express do século XIX para o século XXI

A Europa não é só o objeto de uma migração real ou ideal para muitos dos povos que fora dela construíram a sua história, ela também não é simplesmente o lugar de um difícil "retorno" de um povo, o português, que volta a pensar na sua própria biografia após o fim da experiência colonial, mas, no caso lusófono, desde a antiguidade a Europa adquiriu um estatuto-outro mesmo para aquela nação que dentro da Europa geograficamente se situava. Eduardo Lourenço sintetiza esta condição com o título do seu ensaio fundamental *Nós e a Europa* onde o continente apresenta-se sob a dimensão de uma entidade exterior dentro de uma dialógica complexa. A deriva atlântica de séculos de história colonial em que Portugal se embarcou para longe de si, contribuíram para afastá-lo das dinâmicas que foram estruturando a Europa do Centro até que no século XIX os escritores e intelectuais tomaram consciência da distância incomensurável que os separava dela: *O sentimento de um Ocidental* de Cesário Verde não é senão a percepção da condição de marginalidade, de periferia que vivia o Portugal da época. Este misturava-se com o sentimento de exílio existencial experimentado por um país que já se tinha visto como cabeça da Europa.

Não é por acaso que o fim do século XIX e o princípio do século XX marcam um momento de migração consistente até ao centro da Europa identificada como centro da modernidade em resposta à necessidade de colmatar essa distância.

É assustador reparar como hoje, neste novo princípio de século, um parecido sentimento de distanciamento e um similar complexo de inferioridade e exílio reviva no imaginário não só português mas daqueles que poderíamos definir, retomando as palavras de Antero de Quental, os "povos peninsulares".

As obras entre o fim-de-século e o princípio do século XX constroem, através das viagens literárias e reais dos próprios autores, uma geografia poética que faz emergir as tensões entre Norte e Sul dentro da mesma Europa, revelando a sua natureza de mito orientador e os elementos que contribuem à sua definição nesses termos. Tendo em conta a consideração de que cada nação é antes de mais uma "comunidade imaginada" defendo que dar um mergulho na literatura de então poderia ajudar-nos a responder à pergunta muito atual de como é possível ser Europa e estar na Europa; pretendendo ainda refletir sobre o papel da literatura em reformular distâncias e aproximações, modular tensões,

orientar os imaginários, tendo sempre em conta o surplus de significado que esta Europa tem para o mundo lusófono dentro das dinâmicas da sua história móvel.

Giorgia Sogos (Rheinische Friedrich-Wilhelms-Universität Bonn)

Ein Europäer in Brasilien zwischen Vergangenheit und Zukunft: utopische Projektionen des Exilanten Stefan Zweig

Der vorliegende Vortrag setzt sich zum Ziel, eine Reflexion über das Europa- und das Brasilienbild bei Stefan Zweig im Rahmen der Exilforschung zu liefern. Im Mittelpunkt des Interesses steht deshalb die letzte Phase seines Lebens. Nach einer unruhigen Reise entschloss er sich im September 1941, die Vereinigten Staaten zu verlassen und sich mit seiner zweiten Gattin Charlotte Elisabeth Altmann endgültig in Brasilien niederzulassen, einem Land, das er schon vorher einmal besucht hatte. Zweig kam im Jahr 1936 zum ersten Mal nach Brasilien, anlässlich des internationalen Pen-Club Kongresses, der in Buenos Aires stattgefunden hatte. Dank dieses Ereignisses konnte Zweig seine erste Reise nach Südamerika unternehmen, wo er insbesondere in Brasilien als der populärste deutschsprachige Autor galt. Nicht nur in Rio de Janeiro wurde er von der Regierung und der Öffentlichkeit enthusiastisch empfangen, sondern auch seine eigenen ersten Eindrücke von dem Land sind von einer völligen Begeisterung gekennzeichnet. Ein Beweis dieser Erfahrung, die als „Liebe auf den ersten Blick“ bezeichnet wurde, ist das später während seines USA-Aufenthalts verfasste Buch *Brasilien, Ein Land der Zukunft*. Dieses Sachbuch stellt sowohl ein Gastgeschenk für das Land dar, dem er so viel verdankte, als auch ein Lob an das Land, das ihn aufgenommen hat. Brasilien, das im Unterschied zu den anderen lateinamerikanischen Staaten schon seit dem 19. Jahrhundert das wichtigste Ziel für europäische Auswanderer war und vor allem während des Dritten Reichs ein Zufluchtsland für zahlreiche deutschsprachige Emigranten darstellte, erschien Stefan Zweig als ein utopisches Land. Vor dem Hintergrund des zweiten Weltkriegs versetzt der europäische Schriftsteller seine Überlegungen und Hoffnungen auf die erzählerische Ebene. Im Buch über Brasilien wie auch in der Autobiographie *Die Welt von gestern. Erinnerungen eines Europäers* kristallisieren sich Stefan Zweigs Vorstellungen über den alten und neuen Kontinent in einem komplexen Netzwerk.

Der Vortrag versucht deshalb zu erläutern, wie diese zwei Bilder in Zweigs Imagination zusammenleben und welche Beziehung sie mit der Wirklichkeit haben. In dieser Hinsicht wird der Fall Zweigs nicht nur als emblematisch innerhalb der Exilliteratur, sondern auch als Charakterzug desselben Schriftstellers untersucht.